

Dayana Lucas nasceu em 1987 em Caracas, Venezuela. Em 2003 mudou-se para a Ilha da Madeira, de onde são provenientes os seus pais, e em 2006 para o Porto onde obteve a licenciatura em Design de Comunicação na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto em 2010. Foi co-fundadora da Oficina Arara e colabora regularmente com o colectivo SOOPA. Desenvolve uma pesquisa prática na área do desenho a par do trabalho enquanto designer na área da cultura, tendo colaborado com músicos, artistas plásticos e diversas instituições culturais portuguesas. Realizou as seguintes exposições individuais: “ESPÍRITO MANUAL”, com curadoria de Ricardo Nicolau, no Museu de Arte Contemporânea de Serralves (Porto, 2018) e “UM”, com curadoria de Miguel Von Hafe Pérez, na Wrong Weather Gallery (Porto, 2018). Das exposições colectivas em que participou destacam-se: “Extática Esfinge / Desenho e Animismo Parte II”, com curadoria de Nuno Faria, no CIAJG – Centro Internacional das Artes José de Guimarães (Guimarães, 2017); “QUE SAIS-JE?: Livros e Edições de Artista da Coleção de Serralves”, com curadoria de Ricardo Nicolau, no Museu de Arte Contemporânea de Serralves (Porto, 2016) e “HUMIDIFIQUE-SE”, com curadoria de Miguel Von Hafe Pérez, no Bregas Studio (Lisboa, 2016).

Dayana Lucas was born in 1987 in Caracas, Venezuela. In 2003 she moved to Madeira Island, where her parents are from, and in 2006 to Porto where she obtained a degree in Communication Design from the Faculty of Fine Arts of the University of Porto in 2010. She was co-founder of Oficina Arara and collaborate regularly with the collective SOOPA. She develops a practical research in the area of drawing along with the work as a designer in the area of culture, having collaborated with musicians, visual artists and several Portuguese cultural institutions. Her work was shown in the following solo exhibitions: “ESPÍRITO MANUAL”, curated by Ricardo Nicolau, at Serralves Museum of Contemporary Art (Porto, 2018) and “UM”, curated by Miguel Von Hafe Pérez, at Wrong Weather Gallery (Porto, 2018). Recent group shows include: “Extática Esfinge / Desenho e Animismo Parte II”, curated by Nuno Faria, at CIAJG – Centro Internacional das Artes José de Guimarães (Guimarães, 2017); “QUE SAIS-JE?: Livros e Edições de Artista da Coleção de Serralves”, curated by Ricardo Nicolau, at Serralves Museum of Contemporary Art (Porto, 2016) and “HUMIDIFIQUE-SE”, curated by Miguel Von Hafe Pérez, at Bregas Studio (Lisbon, 2016).

Agradecimentos/Acknowledgments:

Maria João Macedo, Hernâni Reis Baptista, Rita Senra, Pedro Huet, Óscar Faria, Cecília Vieira de Freitas, Maurício P. Reis, Carlos Eduardo, Manuel Zimbros, Maria Mire, Mónica Baptista, João Alves von Calhau, Dário Cannatà, Steven, Odair Rocha, João Moura, Carlos Azevedo, Luís Sobral, Angélica Salvi, João Bragança e Zé, Larissa Lewandoski, Joana Pinho, Eduardo Leitão, SOOPA, PORTA33, ARARA, Lima, Ruca, Filó, Brenda, Asa de Mosca, Porto Santo.

À minha querida mãe Conceição, minha irmã Jannett e meu irmão Andrés. / For my dear mother Conceição, my sister Jannett and my brother Andrés.

O Sismógrafo tem o apoio de
Sismógrafo has the support of:

Dayana Lucas: Pedra em flor

Sismógrafo
23 Fev – 16 Mar 2019

uma proposta de/
a proposal from
Maria João Macedo

Inauguração/Opening:
sáb/sat 23 Fev 16:30

Rua da Alegria, 416
4000-035 Porto
sismografo.org
facebook.com/sismografo
#sismografo

The exhibition I present at Sismógrafo is the result of several twists and events; of which the first was a sound-dreamlike-erotic experience that led me to the interior of the organs of flowers, to the hardness and beauty of stones, to the noise of construction works, to a recycled paper mill and, among other curves, to the Möbius strip, since it is at once an internal and an external place.

Meanwhile, recently, I made a new series of drawings: my hand got free and grabbed the brush. I let it go and impress on the sheet the fragile body that was setting its pace. I considered merely to show these drawings in A4 size, on the gallery walls, but I soon realized that they needed the intimacy of a book in order to be shared; and I needed another ground.

Solid as it is, this tough concrete floor is also liquid and sturdy, being solid at the same time. It is concrete, but it also encompasses a break and a playfulness. On it I draw the flux of time and the circling of the body around /a center: the square of quietness. With the body and a iron rod being an extension of the flesh and the hand, I wanted to give shape to a petrified territory, which is also in metamorphosis. The visitor will be the thrown stone of the laid ~ positioned stone.

My teacher from 6th grade (1999), Brenda, was the first person I ever saw writing on a completely white sheet, a sheet with no lines, no preprinted guidelines. I was amazed by her skill and confidence while writing such perfect lines of text, one after another, with no assistance of any kind. After witnessing this, I started to write in my notebooks, no longer on the top of the lines, but, instead, exactly in the middle, between the top and the bottom line. It was perhaps the first suspension necessary to learn how to deal with emptiness. Now, on a radically white sheet, I see landscapes and, as if before a well, a mirror or an oracle, I encounter those things of myself I cannot see, because they are inside me. These are musical dialogues, almost childish in nature, wherein are molded yet unnamed subjects. This bringing-out, while solving nothing, solves everything, because I feel lighter at the end of it.

A few months ago, while sitting alone on a café terrace, I was surprised by my hand moving of its own accord. It seemed it was talking, free in space, the hand. This is my wish for the exhibition: may the hand speak.

Pedra em flor

— Dayana Lucas, 2019
Desenho gravado sobre betão / *Drawing engraved on concrete*
Dimensões variáveis / *Variable dimensions*

Instrumento

— Maria João Macedo & Dayana Lucas, 2019
Vara de ferro / *Iron rod*
242 x ø 1,2 cm

5 esboços

— Dayana Lucas, 2019
Graffite sobre papel A4 / *Graphite on A4 paper*

Pedra em flor

— Dayana Lucas, 2019
Tinta da china e pincel sobre papel A4 / *Indian ink and brush on A4 paper*

Não há o medo

— Manuel Zimbro
PORTA33, Dezembro/ *December* 2018
Impressão digital sobre papel Connoisseur 100% algodão / *Digital print on Connoisseur 100% cotton paper*
19,9 x 14,9 cm

**A manhã move a pedra sem raiz
O seu repouso de árvore em flor
Qualquer astro é menos que o repouso
De uma pedra em flor**

— Daniel Faria

A exposição que apresento no Sismógrafo é fruto de várias voltas e acontecimentos, sendo o primeiro uma experiência sonora-onírica-erótica que me levou ao interior dos órgãos das flores, à dureza e beleza das pedras, ao barulho das obras, a uma fábrica de papel reciclado e entre várias outras curvas, à fita de Möbius por ser um lugar interno e externo em simultâneo.

Entretanto, já em 2019, fiz uma nova série de desenhos: a mão soltou-se e agarrou-se ao pincel. Deixei a mão ir e marcar na folha o corpo frágil que inevitavelmente lhe marcava o passo. Pensei simplesmente apresentar estes desenhos em A4 na parede, mas rapidamente percebi que os desenhos precisavam da intimidade de um livro para serem partilhados e eu precisava de outro chão.

Este chão em betão, duro, é também líquido e irregular sendo sólido. É concreto, mas contempla a quebra e o jogo. Desenho nele o fluxo do tempo e a circulação do corpo à volta de um centro: o *quadrado de sossego*. Com o corpo e com uma vara de ferro como extensão do próprio corpo e da mão, quis dar forma a um território petrificado mas em metamorfose. O visitante será a *pedra atirada da pedra pousada ~ situada*.

A professora Brenda do 6º ano (1999) foi a primeira pessoa que vi escrever numa folha absolutamente branca, sem linhas de guia pré-impresas. Fiquei deslumbrada pela sua capacidade e segurança de escrever linhas de texto tão perfeitas, uma a seguir a outra, sem qualquer tipo de guia. Depois de ver isto comecei a escrever nos meus cadernos, não sobre as linhas de apoio, mas mesmo no meio entre a linha de cima e a linha de baixo. Foi talvez a primeira suspensão necessária para aprender a lidar com o vazio. Agora, numa folha radicalmente branca, vejo paisagens, e parecendo um poço, um espelho ou um oráculo, ali me encontro com o que não vejo de mim, por estar dentro de mim. São diálogos musicais, quase infantis onde se moldam assuntos sem nome ainda. Esta exteriorização, não resolvendo nada, resolve tudo, porque no fim estou mais leve.

Há uns meses atrás, sentada só na esplanada do café, fui surpreendida pela minha mão a mexer-se sozinha. Parecia que estava a falar livre no espaço, a mão. É o meu desejo para esta exposição: que a mão fale.

DL